

**Resenha do livro “A Revolução Americana” de Gordon S. Wood.**

Leonardo Soares dos Santos

O texto de Gordon Wood não apresenta nada de muito original em relação a outros trabalhos clássicos<sup>1</sup> sobre o tema da “Revolução Americana”, isto é, os acontecimentos que desembocaram no processo de independência dos Estados Unidos da Inglaterra.

Ele é mais um ensaio interpretativo sobre esse marco da história norte-americana. É o que a gente costumava chamar de livros de divulgação. Que tem lá a sua importância. Mas trata-se de um livro bastante detalhado, recuperando exaustivamente os fatos mais decisivos e relevantes. Dos primeiros confrontos a última batalha em Yorktown envolvendo britânicos e colonos, as marchas britânicas de 1775 rumo a Lexington e Concord, em Massachusetts, todas as leis britânicas, os seus principais pontos e dispositivos, as reações do povo da Colônia americana etc. Está tudo lá, minuciosamente documentado e debatido, pois que devidamente contextualizado. Momentos memoráveis dessa conjuntura são destacados. Num deles, ficamos sabendo que “os colonos estimularam o uso de tecidos feitos em teares caseiros e, nas vilas da Nova Inglaterra, as ‘Filhas da Liberdade’ organizaram mutirões de fiadura e costura (as ‘spinning bees’). [...] Grupos e comissões extralegais, quase sempre sob as rédeas de líderes populares, surgiram para intimidar os inspetores de tabaco em Maryland, punir os importadores na Filadélfia, atacar uma editora em Boston e perseguir oficiais aduaneiros em Nova York.” (p. 56) Outro acontecimento bastante significativo apontado por Gordon é a respeito da organização da resistência em Boston, por volta de outubro de 1772, quando moradores dali “publicaram um documento inflamado, chamado The Votes and Proceedings da assembleia municipal, que listava todas as violações dos direitos americanos perpetradas pelos britânicos. Entre essas violações estavam as taxações e decisões legislativas impostas aos colonos, a presença de exércitos permanentes em tempos de paz, o aumento dos poderes dos tribunais do vice-almirantado (que não faziam julgamentos com júri), a restrição à manufatura colonial e a ameaça de estabelecer bispados anglicanos na América. A publicação foi enviada às

<sup>1</sup> Blanco, Richard L.; Sanborn, Paul J.. The American Revolution. New York : Garland Publishing, 1993.

260 cidades de Massachesetts, e mais da metade respondeu positivamente, na maior difusão de opiniões populares que o movimento de resistência vira até então.” (p. 61)

É admirável o esforço do autor em reconstituir os debates em torno da melhor forma de se organizar e resistir ao que se convencionou chamar de “Leis Intoleráveis”, a querela envolvendo federalistas e anti-federalistas, o papel das constituições estaduais na conformação da nova nação, as reformas republicanas e o problema da escravidão. Estes são, certamente, os pontos altos do livro.

Mas o que chama atenção também nesse trabalho do historiador da Universidade de Brown a sua dificuldade em se desvencilhar de certos mitos da historiografia tradicional. Embora ressalve que a ideia de participação popular na condução do governo da República excluísse amplas parcelas da população, o autor não resiste a certas mistificações e parece se render sem muita resistência a construções problemáticas de uma tradição historiográfica nitidamente elitista e conservadora. Num desses momentos, Gordon afirma que “por volta de 1776, estava completo o quebra-cabeça que mostrava a magnitude da luta em que os colonos se envolveram. E, assim, eles puderam responder entusiasticamente, como amantes da humanidade e inimigos da tirania, ao apelo apaixonado pela defesa da liberdade feito por Thomas Paine em *Senso comum*”. (p. 89)

Em outra passagem o autor assim se derrama: “durante um momento, no calor da revolução, muitos americanos vislumbraram o surgimento de um mundo novo e melhor, um mundo, segundo diziam, cuja ‘perfeição e felicidade serão as maiores que a humanidade já viu’” (p. 137).

Como mencionado acima, tais celebrações pouco críticas são uma constante nos trabalhos dos historiadores de lá. O detalhe que esse livro foi escrito originalmente em 2002 (publicado aqui em 2013). Agora imagine como seria isso num pós-Trump?